

DocLisboa volta com filmes que não passam na televisão

Documentários portugueses vão integrar a competição internacional. Paulo Branco é o presidente do júri. O festival regressa em Outubro

KATHLEEN GOMES

O documentário move-se. Depois de uma edição limitada, no ano passado, sem secções competitivas e menos apoios financeiros, o DocLisboa – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa regressa, em Outubro, com um plano mais ambicioso: desde logo, “ter salas cheias” para assistir a um género cinematográfico que raramente constituiu um sucesso de público em Portugal.

O festival irá realizar-se entre 24 e 31 de Outubro, na Culturgest, numa iniciativa da Apordoc – Associação Pelo Documentário, em co-produção com a Culturgest.

Ontem, o realizador Serge Tréfaut, um dos directores do DocLisboa, fez questão de sublinhar o carácter “político” do festival, “nesse momento

desa Carmen Cobos, Luciano Barisone, seleccionador do Festival de Veneza, a francesa Marie-Pierre Müller, e a documentarista Margarida Cardoso.

Outra das novidades é a criação de uma secção competitiva internacional de curtas-metragens. Da programação fazem parte ainda três secções paralelas, com uma componente retrospectiva ou temática. Além de uma mostra de filmes portugueses recentes, que “terá uma missão de apresentar o estado das coisas do documentário em Portugal”, este ano será exibido um conjunto de documentários centrados no conflito israelo-palestiniano (estão garantidos filmes do palestiniano Elia Suleiman e dos israelitas Amos Gitai e Avi Mograbi), procurando uma “reflexão histórica” e “um ponto da situação em imagens”, e uma retrospectiva sobre documentários espanhóis estreados nos últimos 10 anos, alguns dos quais constituíram “grandes sucessos de público”. Outro dos pontos altos da programação será a vinda do francês Nicolas Philibert, realizador de “Ser e Ter”, para

em que tantas pessoas têm vergonha do poder político instituído”. Na conferência de imprensa de ontem, na Cinemateca Portuguesa, em Lisboa, para apresentar o projecto, Tréfaut defendeu ainda que “o documentário é importante por oposição a uma forma de comunicação esvaziada de conteúdo”. E insistiu na “missão política” do festival, concretizando que irá “mostrar filmes que não passam nas televisões nem nas salas” – e que nem sequer são “filmes raros”, mas sim “premiados internacionalmente”.

O modelo deste ano é diferente da edição inaugural, em 2002, no Centro Cultural de Belém, Lisboa. A secção de competição nacional desapareceu, para dar lugar a uma única secção competitiva internacional de longas-metragens, que irá integrar, também, documentários portugueses. O processo de selecção de obras está “em curso”, segundo Nuno Sena, da direcção do festival, a par de Ana Isabel Strindberg e Tréfaut, e, no início de Setembro, será anunciada a programação final do DocLisboa.

Ainda não há filmes, mas já existe júri: Paulo Branco, produtor da Madragoa Filmes, será o presidente, por uma “questão também política”, insistiu Tréfaut. “Não é uma pessoa do documentário, mas pode significar que daqui para a frente ele irá interessar-se mais pelo documentário e exibi-lo mais”. O júri completa-se com a produtora holan-

realizar uma “master class”. Tréfaut manifestava ontem que é motivo suficiente para “um entusiasmo de deitar foguetes”: “Nicolas Philibert recusou convites do mundo inteiro nos últimos dois anos para estar em qualquer lugar.” Não admira que o lema do DocLisboa seja: “Em Outubro o mundo inteiro cabe em Lisboa.” ■

“Docs.pt”, a primeira revista portuguesa de documentários

Em simultâneo com o DocLisboa, foi apresentado ontem o número zero da primeira revista portuguesa dedicada ao documentário, “Docs.pt”. O objectivo é, sobretudo, contribuir para uma maior visibilidade internacional da produção documental portuguesa e, por isso, é uma edição bilingue, em português e inglês, e será distribuída em festivais e mercados internacionais. Conjugando entrevistas a realizadores, textos sobre documentários em fase de pré-produção ou inéditos, a “Docs.pt” terá uma periodicidade semestral e estará à venda (por três euros) em livrarias especializadas e terá distribuição por assinatura. O número zero é gratuito.